

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)

Avenida da Boavista 854 — PORTO

--(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director) --

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da

Rua de S. Bento da Victoria, 10

PORTO

Visita Pastoral a Bragança



De pé:—Luíz J. de Carvalho, Cap. Barros Basto e Artur das Neves.
Sentados:—Cap. Jaime Borges Rabby Baruch Ben-Jacob e José
Furtado Montanha.

Como acabou a Inquisição em Portugal

A Historia da Revolução de 1820, pelo Dr. José d'Arriaga diz:

Foi na célebre sessão em que Soares Franco apresentou o seu projecto sobre a lei da liberdade da imprensa, e que Fernandes Thomaz apresentou o seu relatório, que Francisco Simões Margiochi, outro illustre professor, propoz a abolição da Inquisição, dos juizes da inconfidencia, dos tributos vis, e apresentou o seu projecto sobre prisões.

Abriu-se o debate ácerca da Inquisição na sessão de 24 de março, que proferiu um eloquentissimo discurso.

Disse ele: Snr. presidente.—Como fui o autor do projecto sobre a abolição da Inquisição, sou justo, a mim proprio me sentencio, devo ser o primeiro que arda nas fogueiras d'este tribunal. E' na verdade um tormento, e gravissimo, o referir tantos horrores; e bem que os sabios deputados d'este congresso conheçam quaes são os motivos porque deve ser abolido este tribunal, contudo é preciso que a nação veja hoje os carcereiros da Inquisição, que veja os seus processos, que sinta suas torturas e que ardam deante dela os seus cadafalsos. Darei pois uma noticia sucinta d'este terrivel tribunal, extraida das grandes páginas de sua medonha historia. E' esta relação que nos deve fazer estremecer, e não os preceitos do divino legislador da religião cristã.

«Horrorisemo-nos, pois; mas seja pela ultima vez.

«Em tudo o que vou dizer não me referirei ás nações estrangeiras, referir-me-hei só á historia patria; e ainda que a verdade n'este caso possa ser exagerada, nenhum escritor, nenhum pensador, póde imaginar crupezas que os inquisidores não imaginassem e preparassem.

«Antes do meio seculo XVI o papa Paulo III instituiu n'estes reinos por uma bula o tribunal da Inquisição, e foi este o presente mais funesto que podia fazer aos portuguezes a colera celeste.

«Esta bula foi recebida pelo rei D. João III, sem saber que recebia com ela a infamia e a desgraça d'este reino; sem saber que com ela ia destruir a gloria do seu reinado; sem saber que no futuro se diria que este reino tinha mais piedade nas preocupações de seu entendimento que no seu coração.

«O primeiro que teve a desgraça de ser inquisidor geral foi um irmão do rei, foi «o cardeal Henrique, que tambem fôí depois rei».

O orador passa depois a fazer historia das reformas dos estatutos; expõe como se fazem as denuncias, as prisões, e as torturas porque passam os presos, como se executam as barbaras sentenças; e descreve depois o auto de fé, tudo em linguagem nobre e sentida.

E acrescentou em seguida:

«Representemos agora a differença que havia desses tempos horrorosos do terror que inspirava a vista, o gesto e a voz, de um inquisidor com as emo-

ções sublimes que nos inspira hoje um amigo da patria.

«Representemos esses dias horrorosos dos autos de fé e comparemos-os com os dias 15 de setembro e 1 de outubro de 1820, em que os portuguezes se chamavam á liberdade e á felicidade.

«A' vista, pois, do que tenho exposto, parece que o tribunal da Inquisição junta em si todas as ferocidades e crueldades dos maiores tiranos. Vê-se a cinica ferocidade ardente de Caligula nos fogos e nos ferros em brasa; vê-se a ferocidade imbecil de Claudio no processo da Inquisição; vê-se a ferocidade sem fim, como sem vergonha de Nero no tormento do potro; vê-se a ferocidade hipócrita de Domiciano na relaxação que faziam dos seus criminosos ás justicas seculares.

«Mil e quatrocentos homens foram queimados; mais de tres mil pessoas foram exterminadas e desgraçadas. E se juntarmos a isto as familias que ficaram desamparadas, os terrores que deviam nascer d'este tribunal e as molestias e as muitas consequencias d'ele, não faremos muito em asseverar que a Inquisição só póde egualar ás maiores calamidades que tem affligido a especie humana, ás maiores calamidades, incendios, terramotos, devastações, epidemias, guerras e fomes.

«Serviu, pois, este tribunal para secar os louros da nossa gloria; serviu este tribunal para extinguir o entendimento dos portuguezes; e serviu este tribunal para nos cobrir de vergonha.

«Os navegadores que passavam á vista das costas de Portugal, olhavam para este paiz como inhospito, como habitado por selvagens ferozes, como para um paiz que está fóra da civilização europea; olhavam-no como habitado por homens cruéis, como falsamente são acusados os hotentotes, e como verdadeiramente o foram os caraibas.

«Parece, pois, que o processo d'este tribunal fica já feito; e ainda que parece que este tribunal já não é senão um vulcão que não lança chamas, contudo ainda de tempos em tempos ainda se ouvem trovões subterraneos; ainda a terra treme. Ainda depois do reinado de el-rei D. José muitos professores sabios da Universidade de Coimbra foram victimas d'ele; ainda depois muitos foram tambem suas victimas; ainda em nossos tempos vimos sofrer muitos benemeritos d'este paiz antes da celebre setembrisada.

«Por consequencia parece que os portuguezes deveriam pegar em fachos, e queimar os tribunais da Inquisição; mas não; é preciso conservar abertos seus carcereiros, para se verem os seus fogos e comparal-os com o nosso estado actual.

«E' preciso ir a esses carcereiros ouvir os gemidos dos desgraçados que sofreram tantas angustias, gemidos que ainda duram e durarão, emquanto a nossa constituição não fizer mudar todos os nossos costumes, emquanto a mesma constituição não fizer mudar o entendimento e o coração d'aquelles que ainda o não tenham mudado.»

Este notavel discurso define perfeitamente o estado da questão, a importancia e o horror, que as novas gerações já sentiam por esse Portugal dos jesuitas e inquisidores.

O deputado Girão pediu em seguida a palavra, e disse que a Inquisição é um dos estabelecimentos que indicam maior degradação da especie humana, reinando com o despotismo, a estupidez e a superstição.

«Apressamo-nos, diz ele, a extinguir este monstro que tem sido o flagelo da humanidade, lembremo-nos do padre de Vila Real queimado por estar doído, e dizer que era o padre eterno; de Cecilia de Faragó punida pelo crime de enfeitiçar e matar o conego Zeferino só com o volver d'olhos!»

Os oradores, no excesso de sua colera tão justa, atacaram todos os membros d'esse tribunal que cobriam de execração.

O illustre orador Castelo Branco, deputado desse tribunal feriu-se e julgou que aqueles ataques diziam também respeito á sua pessoa. Ele pediu a palavra e justificou os excessos da Inquisição pelo desvairamento das paixões humanas, e disse que se devia fazer justiça aos que serviam a patria com devoção, distinguindo-os dos perversos que a maculam. Ele pediu para se retirar, mas todo o congresso exclamou: «Não é preciso».

Margiochi disse que as suas palavras se não referiam aos actuaes inquisidores, porque entre eles até havia quem honrasse a humanidade. O presidente expoz que assim o entendia também toda a assembleia.

O discurso de Castelo Branco em justificação da Inquisição deu, porém, origem a uma réplica energica e vehemente de Borges Carneiro.

Este pediu a palavra, e disse que a Inquisição é filha da perversidade e do calculo, e que até está em desharmonia com as doutrinas cristãs. Em nome da religião erigiu-se um tribunal supremo e superior ao rei e á nação; levantaram-se carceres; criaram-se ministros, officiaes e algozes; occuparam-se os melhores palacios que havia no reino; estabeleceram-se correições; espalharam-se por toda a parte commissarios e familiares, para serem outros tantos espías e delatores; constrangeram-se por meio da excomunhão e terriveis penas temporaes os fieis a denunciarem-se uns aos outros, os filhos, os pais, as esposas, os esposos; estabeleceram-se processos; formaram-se regimentos derogatorios das leis do reino; a Inquisição despojou bispos; encarcerou em apertadas enxovias milhões de cidadãos, sem differença de sexo e de idade; submeteu-os ás horribes torturas das polés, agulhas, albardeiras, queimaduras de pés, ligadores, peitos, cavaletes em que estalam os membros, e por fim conduziu-os aos autos de fé, horroroso espectáculo para que eram convidados, mediante esplendido banquete, os ministros das nações estrangeiras, os cortezaes o alto clero, e esta muitas vezes por delictos fantasticos e em nome da santa religião; «tudo isto, digo, acrescentou o orador, praticado constantemente em Portugal desde o anno de 1536 até 1774, em que o illustre Pombal enfreou um pouco este fozoso bruto da Inquisição; é até onde póde chegar, de uma parte, a demencia e a estulticia dos homens, e da outra, a impostura, hipocrisia e barbaro furor de alguns ecclesiasticos; é que se poderia crêr que tivesse sido feito, não digo no seio do mais feroz paganismo, ou no paiz dos druidas, governado por sacerdote de que nos fala Julio Cesar, mas na casa do fumo, descripta no Alkorão de Mafona, na cova do salteador Caco, mencionado por Virgilio no seu horrendo Tartaro, onde moram os espiritos tenebrosos.

«Apressemo-nos pois, senhores, a lavar de tamanho labeu o nosso invicto Portugal. Cumpra-se o que está escripto, que ha-de ser arrancada a planta que não foi plantada pelo pae celeste; e seja exterminado este nefando estabelecimento para o Egipto superior,

logar onde o anjo do moço Tobias foi amarrar o diabo, que tinha matado os sete esposos da filha de Rachel. Este é o meu voto».

Foi este um dos discursos mais eloquentes proferido por Borges Carneiro.

E' tão execranda a historia d'este tribunal que por espaço de tantos seculos cavou a nossa ruina, que ninguém se atreveu a erguer a voz em seu favor.

O congresso por unanimidade decidiu a sua imedia extincção. E' digno de leitura o famoso decreto que abolis a Inquisição. Eil-o:

«As côrtes, etc.—Considerando que a existencia do tribunal da Inquisição é incompativel com os principios adoptados nas bases da constituição, decretam o seguinte:

1.º—O conselho geral do Santo Officio, as inquisições, os juizes do bispo e todas as suas dependencias, ficam abolidas no reino de Portugal.

O conhecimento dos processos pendentes, e que de futuro se formarem sobre causas espirituaes e meramente ecclesiasticas, é restituída á jurisdicção episcopal.

O de outras quaesquer causas de que conheciam o referido tribunal e Inquisição fica pertencendo aos ministros seculares, como o de outros crimes ordinarios, para serem decididos na conformidade das leis existentes.

2.º—Todos os regimentos, leis e ordens relativas á existencia do referido tribunal e inquisições, ficam revogada e de nenhum efeito.

3.º—Os bens e rendimentos que pertenciam aos ditos estabelecimentos, de qualquer natureza que sejam, e por qualquer titulo que fossem adquiridos, serão provisoriamente administrados pelo tesouro nacional, assim como os outros rendimentos publicos.

4.º—Todos os livros, manuscritos e processos findos, e tudo mais que existir nos cartorios do mencionado tribunal da Inquisição, serão remetidos á Biblioteca Publica, de Lisboa, para serem conservados com cautela na repartição dos manuscritos e inventariados.

5.º—Por outro decreto, e depois de tomadas as necessarias informações, serão designados que ficam pertencendo aos empregados que serviram no dito tribunal e Inquisição.

A regencia do reino assim o tenha entendido e faça executar.

Paço das côrtes, 31 de março de 1821.—Hermano José Braancamp, presidente, Agostinho José Freire, deputado secretario, João Baptista Felgueiras, deputado secretario.»

Assim o Portugal de 1820, impellido pelos sentimentos generosos e humanitários, e esclarecido pelas luzes do século espalhadas no reino durante a revolução intellectual, deu o ultimo golpe n'esse nefando paiz creado pelo fanatismo de D. Manuel, de D. João III, de D. Sebastião e do cardeal, em cujas veias girou o venenoso sangue de Fernando e Isabel, os catholicos, de Hespanha.

O congresso resolveu que se expozesse ao publico os carceres da extinta Inquisição, para á vista dos instrumentos de tortura se apreciar tão nefando tribunal.

O primeiro que foi patente foi o da Inquisição de Coimbra.

O povo sentiu-se apoderado de verdadeiro horror ao entrar nas casas dos tormentos. Passados os pri-

meiros instantes, ele foi-se aos instrumentos, de tortura e despedaçou-os.

No dia 10 de abril, na quinta da Inquisição, o povo de Coimbra fez auto de fé a todos esses instrumentos, queimando-os no meio de imprecações e de pragas.

Em presença d'esta, houve hesitação em se fazer o mesmo nas outras inquisições do reino por cujo motivo o prior da freguezia dos Anjos, José Ferrão de Mendonça e Souza, apresentou, em 13 de Agosto de 1821, a seguinte moção que o honra bastante:

«A vista dos horrosos carceres da Inquisição de Coimbra atraiu sobre o memoria d'aquella extinto tribunal a execração do imenso numero de pessoas de todos os estados e idades, que frequentes vezes os visitaram no tempo em que a sua entrada esteve patente. Outro tanto aconteceu em Evora, onde existe uma Inquisição antiga, e mesmo em Lisboa, (apesar de ser reedificada depois do terramoto) se em Evora e Lisboa estivessem tambem patentes a quem as quizesse vêr, o que me não consta. Proponho portanto:

«Que se diga ao governo que mande abrir as portas da entrada dos carceres das Inquisições de Evora e Lisboa pelos respectivos guardas que ainda percebem o mesmo ordenado, e que estes acompanhem os visitantes e lhes expliquem, como peritos, os usos que ali se faziam das casas e dos utensilios que existirem. E', em desagrado da santa religião que professamos, tantas vezes ai ofendida, da caridade que ella recomenda tantas vezes ai despresada; em desagravo, finalmente, a humanidade, que por espaço de duzentos e oitenta e seis anos foi n'aquellas medonhas mosmorras oprimida e atormentada, proponho em segundo lugar:

«Que nas Inquisições de Coimbra e Evora se erijam desde já duas casas pias, para serem abrigo da humanidade desgraçada applicando-se-lhes os rendimentos que a cada uma são pertencentes, e que sobejam dos ordenados dos antigos empregados, devendo converter-se todos em seu uso, ao passo, que forem vagando; e que a casa pia de Lisboa se apliquem pela mesma maneira todos os rendimentos da Inquisição d'esta cidade.

«Sejam as tres casas pias herdeiras universaes das tres defunctas casas impias. E espero que o congresso assim o decrete».

Foi aprovado, menos emquanto á segunda parte.

O governo passou logo ordem para que fossem expostos ao publico os carceres da Inquisição de Lisboa e Evora.

No dia designado correu tudo a vêr esses antros medonhos, onde por espaço de séculos, se praticaram tantos crimes.

O povo de Lisboa invadiu o palácio; e foi tal a sua indignação, ao vêr, não só os aparelhos das torturas, mas tambem as muitas ossadas das cabeças, pernas e braços humanos que ali foram encontrados e que revelam novos crimes do indigno tribunal, foi tal, repetimos, a sua indignação, que enfurecido partiu aparelhos, espancou os empregados que ali encontrou e arrastou para as ruas a estatua da fé que se achava no alto do edificio.

Um grupo viu um caixote; arrombou-o e n'ele encontrou o antigo regimento da Inquisição, foi feito em pedaços.

Um rapaz mostrava a toda a gente e cheio de indignação o titulo denominado: — Execução dos tormentos.—Suspendendo-o no ar gritava:—Eis o titulo

dos tormentos. Todos se enfurceciam ao lê-lo, e não houve injurias e imprecações que não dirigissem a uma instituição que arruinara inteiramente o país e era a causa das desgraças que então se sentiam dolorosamente.

A 10 de outubro as côrtes, em vista de uma participação do ministro da justiça, dando conhecimento dos factos succedidos por ocasião de ser exposto ao publico o palácio da Inquisição, resolveu que tomassem todas as providencias para prevenir tumultos e desordens, comtanto que todos os carceres e tudo quanto lhes é relativo fossem fielmente mostrados a quem quer que os quizesse vêr.

A 18, Fernandes Thomaz apresentou a seguinte moção:

«Os carceres da extinta Inquisição d'esta cidade acham se dentro de um edificio que comunica com o palacio, mas que é independente d'ele. Proponho se diga ao governo que mande examinar se pôde aquelle monumento de nossos desvarios e desgraças demolir-se e arasar-se (conservando o palácio), para que mais não sirva de instrumento á superstição, ao despotismo e á ferocidade dos tiranos. Que outro tanto se pratique pelo modo possivel nas outras inquisições, levantando se no mesmo sitio uma lapide, que declare a data do decreto pelo qual foi extinto aquelle tribunal de sangue, juntando-se legenda: — Maldição eterna a todo o portuguez que não tiver para sempre em horror tão infernal invento».

Foi aprovada só emquanto ao exame, ordenado ás côrtes, n'esse mesmo dia, que se procedesse a elle, o que se fez por meio de peritos que em breve dêram os seus relatórios que foram apresentados ao congresso e remetidos á comissão das artes. Esta deu o seu parecer em 2 de abril de 1822.

Os peritos foram de opinião que podiam ser demolidos os carceres de Lisboa e de Evora mas não os de Coimbra.

Diz a comissão:

«A comissão das artes examinou os documentos e desenhos a que se refere; e penetrada de horror e de justa indignação á vista das descripções d'aquelles carceres e segredos, em que tantas vezes soffreu a innocencia e a humanidade, e convencida além d'isto de que devem desaparecer o solo de um paiz livre e illustrado até os mais pequenos vestigios d'aquelles muros, em que outrora resoaram os ais e gemidos das infelizes victimas da superstição e do erro, é de parecer: 1.º que se ordene ao governo faça expedir as mais positivas ordens para se destruir aquelle parte dos carceres que foram da Inquisição de Evora, cuja demolição pôde effectuar-se sem detrimento dos edificios a que pertencerem; 2.º que o resto destes carceres, assim como os na cidade de Coimbra, visto acharem-se ligados aos edificios, de maneira de que sem dano d'elles não podem ser demolidos, fiquem a cargo do governo, afim de os mandar arrasar com a brevidade e economia que é de esperar do seu zelo; 3.º que logo e sem demora faça demolir os carceres da extinta Inquisição d'esta cidade, ordenando que todos os materiais tirados das ruínas e que podem empregar-se nas obras de calçada e assento da gradaria da praça do Rocio sejam n'elles despendidos, afim de que pela sua muda, mas energica linguagem, despertem a atenção dos espectadores n'aquelle sitio concorreram».

Foi aprovado. As mesmas côrtes ordenaram que se tirassem plantas dos carceres demolidos, e fossem

arquivados no arquivo das cortes, para servirem de ilustrar a história d'esses tribunais.

E assim terminou o famoso tribunal da Inquisição, de qual se deve ainda o grande atraso intelectual em que, comparativamente com os outros povos do mundo, se encontra a península iberica, na qual ele reinou com soberania absoluta, durante tres longos séculos.

• • •

Vida Comunal

BRAGANÇA

No dia 24 do Janeiro tomaram posse os corpos gerentes desta comunidade para o ano de 1931, os quais ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral

Presidente, Capitão Jaime Augusto Borges; Vice-presidente, José das Neves; 1.º Secretário, Alípio Augusto de Sá Pereira; 2.º secretário, João António Costa.

Direcção

Presidente, Luiz José de Carvalho; Vice presidente, Francisco António de Barros; 1.º Secretário, Benjamim Lopes; 2.º Secretário, Norberto Rodrigues; Tesoureiro, Antonio Augusto Pereira; Vogal, Leonardo de Barros; Vogal, António Augusto Lopes.

Substitutos

Francisco de Sales; José António das Oraças; João Barata.

LISBOA

A simpática associação da juventude israelita «Hehaber» realizou as seguintes festas: conferencia pela Ex.ma Snr. D. Ester Castel Altberg sob o tema «A Mulher Judia na Biblia», «no Talmud e na Historia» na Biblioteca da Sinagoga «Shaaré Tikváh», Rua Alexandre Herculano, 117, no dia 17 de Janeiro findo; no mesmo local, no dia 31 de Janeiro uma conferencia em Ydish pelo Snr. A. Salischewsky com o Tema: «Judentum Und Christentum», um zahireiches Erscheinen bittet der Vorstand;

uma festa na Cosinha Economica no dia 2 de Fevereiro, dedicado aos meninos e meninas israelitas.

PORTO

Milah—No dia 6 de Janeiro findo realizou-se a milah de João Batista Lopes, filho de Antonio Augusto Lopes e de Albina Rosa Lopes, judeus maranos, o qual nasceu em Bragança a 27 de Fevereiro de 1917 e é actualmente Talmid da Ieshibah do Porto. Recebeu o nome de Jonathan.

Visitantes—Visitaram a nossa Comunidade os Snrs: Marcel Goldschmidt, de Lyon (França); Edwm Edwards, de Londres; Albert Kiefer, de Frankfort (Alemanha); Moisés Israel, de Lisboa.

Obras da Sinagoga—Já está construida o rés do chão das trazeiras do nosso magestoso templo, e pararam as obras por falta de fundos.

Partida—Regressou a Salonica o Rev.º Rabbi Baruch Ben-Jacob.

• • •

Donativos

Para a Obra da Sinagoga:

Alfonso Cassuto, de Hamburgo, produto dum quiete . . .	272\$95
Marcel Goldschmidt, de Lyon	500\$00
Mauricio Kuski, do Porto . . .	200\$00
Alfonso Cassuto, de Hamburg produto dum colecta . . .	135\$00
Albert Kiefer, de Frankfort . . .	100\$00

Para a Yeshibah Rosh-Pinah:

Rabbi Grunwald, de Viena . . .	115\$80
Edwin Edwards, de Londres . . .	100\$00
Marcel Goldschmidt	200\$00

Visado pela Comissão
de Censura

O proselitismo entre os judeus

Em Paris o Rabbi Nathan Levy fez uma conferencia sobre este tema, o qual em resumo disse o seguinte:

— «Tereis já lido ou ouvido dizer: «O Judaismo não faz proselitismo, — porque ele professa que todos os justos, qualquer que seja a sua confissão, teem parte no mundo futuro». Ha uma pequena parte de verdade nesta afirmação que faz honra ao judaismo, testemunho do seu espirito de grande liberalismo. Mas poder-se-hia comtudo fazer-lhe uma censura: a de se mostrar egoista, indifferente para com os outros homens, porque, possuindo uma doutrina de verdade não fez ou não faz o preciso para espalhar esta doutrina á volta de si.

Ora, esta censura não é merecida, Israel não faltou ao dever de fazer conhecer a verdade, de atrair a si as nações, de fazer proselitismo.

Abraham recebe a promessa que todos os povos da terra serão abençoados na sua posteridade—promessa que significa que as verdades religiosas, os preceitos da moralidade d'Israel, se tornarão o patrimonio da Humanidade «uma fonte de bençãos para todas as nações».

Não é certo que a palavra *gher* que encontramos muitas vezes mencionada na Escritura, designa, como o querem os nossos doutores, o prosélito; mas mesmo que ela não tenha senão a significação de *estrangeiro*, como este estrangeiro é recomendado, á protecção de todos, que é preciso ama-lo, que êle tem todos os direitos do indigena e que ele pode até tomar parte no sacrificio pascal, fazer-se circumcidado, ele entra porisso mesmo no corpo da nação, ele torna-se israelita; é um prosélito.

Póde-se citar uma multidão de prosélitos desta espécie que vieram, nos tempos biblicos, incorporar-se em Israel.

Mas é sobretudo na época dos grandes profetas, pouco antes do exilio de Babilonia, e á volta desse exilio, que Israel presta provas da sua missão verdadeira, a de servir de luz ás nações, de fazer conhecer o Deus unico até ás extremidades da terra. Os prosélitos tornaram-se numerosos.

Mais tarde, quando o judaismo deu as provas brilhantes da sua vitalidade, depois

das vitorias dos Macabeus, o proselitismo judeu tomou um desenvolvimento até ali desconhecido. Ele floresceu sobretudo na Dispersão, onde os judeus, encontrando-se em face do paganismo, não hesitaram mais em demonstrar a vaidade dele e glorificaram, pelo contrario, a sua religião.

Os escritores alexandrinos, Filon entre outros, esforçaram-se por demonstrar que toda a sabedoria dos gregos está contida nos livros sagrados dos judeus e deram rudes golpes no paganismo. Uma multidão de prosélitos foi atraída para o judaismo. Pela época da ruina do segundo Templo, não havia cidade da Asia, onde, ao lado de judeus d'origem, não houvesse ali uma massa de prosélitos, mais ou menos convertidos ao judaismo e que são designados pelos nomes de prosélitos da *porta*, homens piedosos, homens justos, adoradores do Ceu, adoradores do Altissimo. A familia real de Adiabene é convertida nessa época e mostra se muito fiel ao judaismo.

Este movimento de propaganda é paralisado, ou quasi parado, pela queda de Jerusalem e pelo esmagamento do povo judeu.

Uma nova religião, o cristianismo paulista aproveita esta ocasião inesperada, recolhe em boa parte, os frutos do proselitismo judeu; ele encontra entre os semiprosélitos, os seus primeiros adeptos. Assim não é de espantar, se a partir deste momento, tendencias bastante diversas se manifestam entre os rabinos, quanto á doutrina referente ao proselitismo. Uns querem que uma mão acolhedora seja estendida ao prosélito; outros mostram-se mais desconfiados com ele, não o aceitam senão depois de um exame muito serio dos motivos que o trazem para o judaismo e impõem-lhe a aceitação de todas as práticas religiosas. Apesar das dificuldades acumuladas no caminho do prosélito, o judaismo encontrará ainda, mesmo na propria Roma, numerosos aderentes.

O proselitismo judeu, já condenado como um crime pela lei romana, no 2º seculo, será tornado impossivel depois do triunfo definitivo do cristianismo que, por todos os meios, se esforçará por impedir todo o commercio, todo o contacto amigavel entre os sectarios das duas religiões e não ficará satisfeito senão quando reduzir os judeus ao estado de parias, inofensivos, portanto, daí por diante.

Dos 4 cantos da terra

Austrália Por recomendação do Snr Sullin, primeiro ministro da Austrália, o rei de Inglaterra nomeou Sir Isaac Isaacs governador geral da Austrália. E' a primeira vez que este cargo, até agora sempre occupado por um inglês, foi confiado a um australiano israelita. Sir Isaacs tem 75 anos e é presidente do Supremo Tribunal da Austrália.

França—Na cidade de Saint-Ouen inaugurou-se, ha pouco uma sinagoga.

Espanha—Com autorisação do govreno foi fundada em Madrid uma Comunidade Israelita, ficando presidente o conhecido banqueiro o Snr. Bauer, que é um amigo pessoal do rei Afonso XIII.

Depois de 1492, ano em que os judeus foram expulsos de Espanha, é pela primeira vez que uma comunidade israelita poude ser fundada na capital espanhola.

Estados Unidos—Recentemente foi inaugurada em New York a séde da Associação da juventude hebraica. O edificio tem onze andares e custou dois milhões emeio de dollars, contem 250 salas, uma biblioteca de 20.000 volumes, duas salas de ginastica uma grande piscina, salas de reunião, bilhares, etc.

Congo Belga—Uma grande sinagoga foi recentemente inaugurada na capital do Congo Belga.

Italia—No mês de Janeiro findo o Diario do Governo italiano publicou um decreto contendo o regulamento das comunidades israelitas. Este decreto indica a constituição duma união obrigatoria das comunidades do reino, das colonias e das possessões cuja séde é fixada em Roma

A nova lei dispõe que todo o judeu vivendo na Italia é obrigado a fazer parte da comunidade, excepto se declarar que se converteu a outra religião ou que não quer ser considerado como judeu.

As comunidades teem por função satisfazer as necessidades religiosas da população judaica e assegurar a instrução religiosa. Ela tem o direito de impor aos seus mem-

broz impostos que serão cobrados pela Fazenda da mesma maneira que os impostos do estado.

As comunidades serão representadas e administradas por juntas eleitas.

Todas as comunidades do reino deverão obrigatoriamente confederar-se para representar o judaismo italiano e velar pelos interesses gerais, tanto religiosos como sociais, do judaismo. A federação será eleita por um congresso de delegados das comunidades. Ela será assistida por uma junta rabinica consultiva de trez membros, que regulará a nomeação dos rabinos e Fiscalizará os seminarios rabinicos.

Bulgaria—Em janeiro passado foi inaugurada em Sofia uma Universidade popular judaica. A primeira conferencia foi sobre o tema: A poesia judeo espanhola.

Nova York—No trimestre Julho, Setembro, entraram nos Estados Unidos 2832 imigrantes judeus.

Yugo Slavia—No dia 14 de Setembro passado foi inaugurada em Sarajevo uma bela sinagoga da comunidade dos judeus sephardim (rito português).

Inglaterra—Afirma-se que o celebre sionista Dr. Weismann está escrevendo as suas memorias que virão á luz nas Edições Gollancz, de Londres.

Belgica—Na capital deste paiz, a gentil escritora Madame Lily Jean-Javal fez uma conferencia sobre «Os judeus reencontrados e o seu apostolo em Portugal». O publico, muito numeroso ficou encantado tanto pelo vivo interesse do assunto como pelo talento oratorio e a emoção sincera que a conferente apresentou na sua exposição. Foi calorosamente aplaudida pela numerosa assistencia.

• • •

Terra de Israel

—Em Tel Aviv vai ser inaugurada brevemente a primeira escola nautica judaica para jovens que queiram dedicar-se á navegação e pesca.

—Estabeleceu-se uma nova colonia Pa-des Hanna, situada ao norte do vale de Saron.

Visita pastoral do Rabbi Baruch Ben-Jacob

No dia 21 de janeiro partiu do Porto o veneravel Rabbi Baruch Ben-Jacob acompanhado pelo capitão Barros Basto para Bragança a fim de fazer uma visita pastoral á comunidade israelita daquela cidade transmontana. Na estação era aguardado por muitos judeus maranos bragançanos. Depois de vários cumprimentos, foi o rabbi conduzido ao hotel num automovel, que o mahamad local tinha posto á disposição de Sua Ex.^a.

No dia seguinte visitou Sua Ex.^a a cidadela onde foi gentilmente recebido pelo Ex.^{mo} Governador Militar, que lhe mostrou todas as dependencias daquele interessante monumento medieval.

Em seguida visitou Sua Ex.^a o Museu Regional, onde foi recebido pelo rev.^o Abade de Baçal com galharda gentileza.

Depois de ter detalhadamente examinado as instalações da sede comunal, foi lhe oferecido um delicado chá em casa do snr. José Furtado Montanha, digno presidente da Assembleia Geral da Comunidade bragançana, com a assistencia de vários membros do Mahamad.

A' noite na Sinagoga «Portas do Resgate» foi feita a apresentação do Rabbi á Comunidade pelo capitão Barros Basto, após o que, Sua Ex.^a produziu em lingua judeo-iberica, um sermão instigando ao cumprimento dos deveres religiosos. A assistencia era numerosa.

No dia immediato regressou o Rabbi ao Porto.

Daqui seguiu para Lisboa, visitando todas as dependencias da Comunidade, e tendo feito um sermão na Sinagoga «Portas da Esperança» sobre a «Vitalidade Hebraica». Durante a sua permanencia em Lisboa foi Sua Ex.^a hospede do Presidente desta Comunidade, o Ex.^{mo} professor Moses Bensabat Amzalak.

De Lisboa, acompanhado pelo Engenheiro Snr. Samuel Swartz partiu para Caria (Beira-Baixa) onde foi recebido gentilmente pelo judeu marano, Francisco Mendes Morão, que, no seu automovel, levou Sua Ex.^a a Penamacôr, Fundão, Belmonte e Covilhã. Em Belmonte, em casa

do snr. José Rafael, pai do Talmid Leoy Rafael, fez o Rabbi uma conferencia e o mesmo praticou na Sinagoga «Portas da Tradição» da Covilhã. Em toda a parte foi ouvido com interesse e recebido com a galharda hospitalidade que é timbre dos judeus maranos.

• • •

O que dizem de nós

O primeiro de janeiro, do dia 1 de fevereiro, publicou a seguinte local:

OS JUDEUS EM PORTUGAL

BRAGANÇA, 27—De visita á pastoral de Bragança, acompanhado do snr. Capitão Barros Basto, esteve neste cidade o Rabbi snr. Baruch Ben-Jacob, professor de teologia israelita em Salonica. Depois duma conferencia sobre o «Judaismo Mundial», fez sua Ex.^a uma oração em hebraico perante a assistencia na sua grande maioria israelita.

Visitou sua Ex.^a os monumentos e obras de arte, bem como os museus militares e regional, escrevendo em hebraico as suas impressões nos livros dos visitantes.—(C.)

«A Ordem» jornal catolico do Porto, do dia 31 de Janeiro proximo passado publica um artigo de fundo intitulado «O Protestantismo» onde combate a acção dos cristãos evangelicos e nos honra com a seguinte referencia:

«Os tempos correm propicios para tudo que sirva entre nós, para atacar a verdadeira Igreja. Haja vista o que por aqui se está fazendo para levantar das cinzas o judaismo, com sinagoga—á Rua Guerra Junqueiro—seminário israelita e o mais que o zelo de proselitismo do snr. Barros Basto se empenha em levar por diante.

Pouco ou nada farão em Portugal os judeus e os protestantes, relativamente á conquista de novos correligionários; mas,

• • • • •